

Executango

Foto de Luis Gustavo S. Sguissardi

Aline Ulrich*

Fim do dia.

O tango tocava na vitrola.

Alceu tirou o chapéu. Segurava um copo quase cheio por duas grandes doses de uísque. Observou os passos de Lola. Há vinte anos fazia isso: via movimentar-se a figura que parecia estar sempre atônita pelo atropelo da vida.

- Acho que não combina - disse Lola, sorrindo.

- O quê?

- Uísque e tango - ela aproximava-se do marido.

Ele deixou ser tocado nos lábios pela mulher.

A figura feminina emitiu a voz em tom suave:

- Vinho. Vou buscar vinho.

O porão já era escuro e sombrio, mas ia cedendo a mais um misterioso ar de discrição, como os esconderijos, assim que a noite adentrava impaciente e silenciosa. O chapéu foi pendurado na cadeira de balanço, a gravata desatada. E aquele tango... ah, aquele tango, há tanto esquecido, voltava a imperar nos sentidos como um gozo fantástico. Alceu mexeu-se, alegre e sereno no assento. Soltou os primeiros botões da camisa. A agulha da vitrola fazia direitinho seu trabalho, mesmo com bastante tempo de serviço. Boa menina, como sempre: a bolacha preta em contato com a danada pontiaguda gemia sua canção perfeitamente; uma, duas ou mil vezes, se desta forma ele quisesse. Pronta para o servir a qualquer hora e a quantas desejasse.

Lola retornava da cozinha.

Caiu o vinho dentro de uma taça, exalando um perfume forte e ao mesmo tempo adocicado, inebriando Alceu imediatamente só pelo olfato. Quando a bebida alisou sua língua no escorregão garganta abaixo, o corpo arrepiou-se e descontraiu, com leveza. Sentiu então o olhar da esposa rondar o seu e prontamente pôs-se à disposição de sua emoção. Olhou-a também. Ali era insignificante e, aquilo, nada de mais. Porém, seria mesmo nada e insignificante não fosse a aguçada capacidade de se darem. Aquele instante poderia ser um inesquecível momento e o lugar, um perfeito cenário para tudo o que estava acontecendo. Havia na construção daquele relacionamento um precioso senso de imaginação e sensibilidade que se fazia notar.

A música parou. Terminava o disco.

Lola aproximou-se da vitrola, ergueu a agulha.

- Que será agora? Perguntou a mulher de quarenta anos.

- Será o que temos de melhor - Alceu tomava o vinho, ainda na cadeira de balanço.

A mulher remexeu na estante. Havia um tango provocador, inquieto, adorado pelo casal e que deveria ser tocado. Enquanto Lola procurava por ele entre tantos outros discos, o marido suspirou, tenso. Via o batom vermelho, sentia a pele quente e macia, inalava o odor silvestre de uma colônia floral qualquer; ela vestida de vermelho, rosa nos cabelos e purpurina na sombra dos olhos, charmosos olhos de moça.

- Como a vi em nosso primeiro encontro - disse ele baixinho, aguardando ansioso pela música.

A agulha entrou outra vez em contato com a superfície da bolacha preta. Entre alguns chiados, o tango passou a ser executado, magnífico. Lola ergueu sua longa saia preta e rodopiou pela sala, compenetrada pelo que o som lhe oferecia. A blusa justa mostrava que não estava mais em forma, o que em movimento era difícil notar. Alceu gostava da cena e ela, da maneira como a fazia acontecer.

Ele levantou-se da cadeira para fazer seus lábios chegarem bem perto da orelha de Lola:

- Quando em teus braços estiver vencido, quero o nosso amor cumprido, cheio de graça. Quero que me ames como na primeira vez...

Ela riu gostoso e maliciosamente, sentindo os braços do marido envolverem-lhe. Agora já não eram os primeiros botões da camisa fora de suas casas e sim todos. O vinho aguardava ser notado na taça em cima do tapete, ao lado da vazia cadeira de balanço.

O tango saía e tomava o ar, alegrando aqueles corações. O porão era tomado pela magia de uma canção que fazia dançar. O aspecto cinzento do lugar, como um dia de chuva, não passava de mera impressão: tudo na alma era ali festivo, leve e provocante. Nada de apático se abatia sobre o momento, nada de estático ou preguiçoso. Bem sabia a agulha, tão prestativa e infalível até então, fazendo a leitura das linhas melodiosas num giro milimetricamente calculado. O disco rodando, o casal rodando, a música perambulando no ar.

Lola concedeu o prazer daquela dança. Moveu-se para a esquerda, para a direita, agarrada desinibidamente ao colo do marido, que gostava de sentir o cheiro de seu pescoço delicado. Alceu levou uma das pernas a agir igualzinho ao passo de dança aprendido num cabaré. Depois, aliviando os sentidos extasiados pelo perfume da mulher, deixou que ela tombasse o corpo, segurado por seus braços. Lola empolgou-se com a acrobacia, distanciou-se do marido e conseguiu furtar uma flor do vaso que enfeitava a estante. Prendeu-a aos cabelos engrenhados num coque. A música crescia e também o sentimento de euforia em Alceu, que podia retornar vinte anos no tempo com a visão de uma rosa em sua cabeça, graciosa cabeça essa que o fazia ofegar.

- Quero que me ames como na primeira vez... - cantarolava ele.

Lola sorriu-lhe. Apertou bem forte suas mãos e depois as soltou. Erguendo sua longa e molenga saia preta de todo, pôde mexer as pernas e abri-las em qualquer ângulo que desejasse. Usava ela salto alto vermelho.

Alceu notou os sapatos. Um deles pôs-se vistoso em cima do braço esquerdo da cadeira de balanço. A flor dos cabelos estava agora na boca. A agulha ainda fazia seu serviço e o disco vibrava, vibrava. Era bom para ele sentir a paixão rondando-lhe, como há vinte anos atrás. Era bom para ela fazer o seu número, superando ambas as expectativas toda vez que o executava.

*Aline Ulrich - Graduada em Ciências Sociais na UFScar. O conto "Executango" obteve o primeiro lugar na classificação do concurso nacional da primeira Bienal de Cultura e Ciência da UNE, realizada de 23 a 30 de janeiro de 1999, em Salvador, Bahia.

